



ANPEd - Associação Nacional de Pós-Graduação e Pesquisa em Educação

5842 - Pôster - XIII Reunião Científica da ANPEd-Sul (2020)

ISSN: 2595-7945

Eixo Temático 11 - Educação, Comunicação e Tecnologia

O tempo das tecnologias da informação nas experiências vivenciadas no espaço da educação infantil

Luciane Wayss Staffen - UNIVALI - Universidade do Vale do Itajaí

Agência e/ou Instituição Financiadora: UNIEDU/FUMDES PÓS-GRADUAÇÃO

O TEMPO DAS TECNOLOGIAS DA INFORMAÇÃO NAS EXPERIÊNCIAS VIVENCIADAS NO ESPAÇO DA EDUCAÇÃO INFANTIL

O objetivo deste ensaio, inspirado em uma pesquisa em andamento, é problematizar as possíveis influências das tecnologias da informação nas percepções de tempo e espaço na Educação Infantil. Pressupõe-se que na atualidade vivenciamos um tempo e um espaço mediados pelas tecnologias de informação, os quais constroem formas de ser e estar no mundo, onde efeitos da globalização são percebidos em diferentes esferas como a Educação. Com os Estudos Culturais procurou-se compreender o conceito de globalização e problematizá-lo acerca das influências no trabalho do professor de Educação Infantil, quanto às experiências no tempo e no espaço institucional examinando os mecanismos de consumo acelerado de informação. Busca-se na trajetória da Educação Infantil no Brasil o cenário para ensaiar as influências das tecnologias da informação em espaços educativos.

As pessoas vivenciam experiências impostas pela economia globalizada, atravessadas pelas tecnologias que permitem se conectar velozmente a outros espaços e culturas. O sujeito é levado, conforme Hall (2006, p. 69) a mudar sua própria identidade cultural, intervindo na sua forma de se relacionar com o espaço que ocupa, com o tempo que vivencia, com a sociedade a qual pertence e com o seu trabalho. A partir da década de 80, como aponta Sennet (2009), com a instauração do Novo Capitalismo, as dinâmicas do trabalho sofreram transformações profundas que alteraram o modo como o trabalhador se relaciona com o mundo do trabalho. Esses sofreram e sofrem as acelerações impostas pelas tecnologias da informação, inclusive aqueles que pertencem aos sistemas de ensino. Para Bauman (2011), vivemos um mundo líquido moderno “porque, como todos os líquidos, ele jamais se imobiliza nem conserva sua forma por muito tempo em um consumo veloz de informação” (BAUMAN, 2011, p.6). Na medida em que os profissionais se aproximam do que é construído pela cultura digital, ela inunda as memórias dos celulares e a computação em nuvem, ou seja, os espaços de memória virtual. Cria necessidades que levam à diversificação e à aceleração do consumo e ao estreitamento do próprio tempo. Levam à troca do uso do tempo em espaços do mundo real (*off-line*) pelos espaços do mundo virtual.

Vive-se em tempos e espaços de construção de novas identidades. Os profissionais, a

partir das tecnologias da informação, passam, na interação com seus contextos de trabalho, a vivenciarem uma cultura diversa da anterior a da década de 80 conforme Costa (2003, p. 36), ao referir-se aos Estudos Culturais. A cultura dos tempos virtuais está dentro e fora das instituições educacionais, inclusive da Educação Infantil, que tratam da formação daqueles que entrarão no mercado de trabalho. Esta cultura possibilita acesso a uma gama de informações, relações pouco profundas e descartáveis e espaços não percebidos em sua singularidade.

A Educação Infantil ocidental surge, segundo Oliveira (2011), em decorrência das condições econômicas e sociais geradas entre os séculos XVIII e XIX na Europa, a partir das instituições de guarda e educação fora do contexto familiar. Os primeiros organizadores da Educação Infantil já se preocupavam com o arranjo do tempo das crianças dentro das instituições. A Educação Infantil em sua trajetória histórica e social, vivenciando mudanças de concepção de criança, de infância, de desenvolvimento e até mesmo de rotinas, tem o tempo como referência para definir o ritmo do que faz, do que propõem, do que quer alcançar.

Hoje, no Brasil, no currículo para a Educação Infantil (Base Nacional Comum Curricular, BRASIL, 2018) o tempo é citado através dos eixos estruturantes – as interações e brincadeira –, pois se presume que as crianças precisam do tempo para estabelecer interações, tempo para brincar. O tempo é citado a partir do que as crianças observam do mundo ao qual estão inseridas e suas rotinas estabelecidas. Estas rotinas podem constituir-se a partir de concepções diversas de infância, transitando entre as que respeitam as necessidades da criança ou as que priorizam a visão dos adultos do que pode ser do interesse dos pequenos.

Os sujeitos aprendem durante a vida e em ritmos e modos diferentes. Se a concepção de infância considera que “as crianças têm suas próprias vidas, desejos, ideias devem ser orientadoras de uma ideia de cotidiano” (BARBOSA; HORN, 2019, p.20). Assim as crianças também podem participar da organização da rotina e tempos, ampliando suas possibilidades de aprendizagem através de interações qualificadas. A participação da criança transita entre ser ouvida em suas falas, em suas escolhas, em seus silêncios onde vivencia o encontro consigo mesma, com memórias, com preferências e prioridades, com seus tempos, em espaços que promovam essas potências de aprendizagem.

Os diferentes tempos na Educação Infantil precisam de espaços para se materializar, pois, segundo Barbosa e Horn (2019, p.20-21), a criança está em pleno desenvolvimento motor, cognitivo e sensível através da expansão da imaginação e exploração da sua própria criatividade. O desejo de estar em um lugar que há tempo para apreciar, sentir-se acolhido e desafiado, estabelecer interações qualificadas com pessoas e com o próprio ambiente são propulsores de aprendizagens de vida – de saberes, sentimentos, percepções, limites, possibilidades, sensações, fruição, devaneios e fabulações. O trabalho diário com as crianças se constitui novo a cada dia, não se aprisionando a uma rotina estática e árida, pelo contrário, sendo palco da criatividade na vida cotidiana.

A ação criativa também precisa se manifestar no cotidiano do professor de Educação Infantil, pois é ele que dará o tom do que acontecerá no dia a dia das crianças dentro da instituição. Este professor é aquele que vivencia as tecnologias da informação em seu cotidiano. Ele pode se posicionar de diferentes maneiras perante esta realidade e não está imune a ela, sendo tanto um sujeito que influencia seus alunos como aquele que sofre influências das próprias tecnologias da informação, que produzem resultados em todos os sujeitos da sociedade. Tanto na percepção do eu, como cita Fortuna (2019, p. 228), como nas vivências da cultura lúdica por meio de trocas entre pares, entre sujeitos de diferentes gerações.

Quando as instituições se colocam na contramão da aceleração da globalização, segundo Barbosa (2003), as crianças passam a ter experiências significativas, tanto consigo mesmas como com o grupo ao qual tem vínculo de pertencimento, onde experimentar sentimentos de alegria, aventurar-se pela criatividade, vão lhe possibilitar um referencial de percepções que estará presente como elemento humanizador durante sua vida, na contínua descoberta de seu próprio tempo.

Neste contexto a brincadeira precisa de tempo para ser brincada e a percepção do espaço é importante para ação acontecer. Canton (2009) anuncia que existem novas combinações de espaço-tempo, em que a globalização produziu uma nova forma de relação entre estas duas esferas, onde distâncias e escalas temporais se modificaram com as agilidades das tecnologias da informação. O espaço precisa de estesia para ser percebido. Os sujeitos se superficializam em suas percepções aceleradas de tempo e espaço. O que fica para uma criança que frequenta a Educação Infantil em tempos de tecnologias da informação? Larrosa (2016) retoma o sentido de experiência como aquilo que “nos passa, o que nos acontece, o que nos toca” (LARROSA, 2016, p. 18) diferenciando de um cotidiano acelerado, inundado de informações, em contextos raros de experiências. O tempo fugaz não permite os silêncios e as memórias, comprime os possíveis espaços das experiências produzidas quando o sujeito se detém para pensar, olhar, escutar, sentir, demorar-se nos detalhes, suspender opinião, juízo, vontade, automatismo, cultivar a atenção e a delicadeza e arte do encontro, dar-se tempo e espaço, conforme observa Larrosa (2016, p. 25).

Os sujeitos da Educação Infantil são subjetivados pelo contexto atravessado pelas tecnologias da informação. A subjetivação se caracteriza por seus modos de se comportar, de se relacionar com os outros, com os espaços e “como se interpretam a si mesmos” (LARROSA, 1994, p.6). O professor que pensa a sua prática como um lugar que leva em conta a necessidade da criança em ter tempo para ser quem é, para brincar e vivenciar o espaço onde está, também precisa, estar ciente de que faz parte do contexto, considerar sua própria subjetivação. Assim a Educação Infantil também pode ser lugar de transformação, de subjetivações heterogêneas que encontrem novas formas de estar em espaços e que, a partir do ser que pensa, olha, escuta, sente, se transforme em lugar de experiência, em lugar de vidas fecundas.

A partir da década de 80 uma nova cultura surge, a cultura digital. Novos hábitos, valores, vivências são determinados pelo consumo de informações que dita um ritmo acelerado de vida e de percepção de onde esta vida existe. O mundo escorre diante dos olhos, ludibriando o sujeito que tenta controlá-lo através da sensação de se ter a paisagem toda à sua frente pelas telas de seus *smartphones* e *tablets*. Bauman (2011) indica recortar os acontecimentos do cotidiano que parecem tão próximos e confiáveis, mas que embotam os sentidos e a capacidade de pensar criticamente sobre os mesmos. Questionar sua normalidade e a aceleração dos tempos de quem precisa ensinar a olhar, ensinar a sentir, ensinar a arte do encontro para crianças, sujeitos com sede de experiências que dão sentido à vida que ocupa os contextos culturais.

Realizar pesquisas a esse respeito é de suma importância na atualidade, na medida em que discorrem acerca das condições em que estamos imersos, e em especial, as crianças nos espaços educativos, sendo necessária a continuidade dessas problematizações em pesquisas empíricas e de campo, assim como, outros desdobramentos em textos reflexivos ou ensaísticos como o que aqui se apresenta.

PALAVRAS-CHAVE: Educação Infantil. Globalização. Estudos Culturais

REFERÊNCIAS

BARBOSA, M. C. S.. Tempo e Cotidiano – tempos para viver a infância. **Leitura: Teoria & Prática**, Campinas, v.31, n.61, p.213-222, nov. 2013.

BARBOSA, M. C. S.; HORN, M. .G. S. A cada dia a vida na escola com as crianças pequenas nos coloca novos desafios. **Para pensar a docência na educação infantil** / Simone Santos de Albuquerque, Jane Felipe, Luciana Vellinho Corso (organizadoras.). – Porto Alegre : Editora Evangraf, 2019. p. 17-36.

BAUMAN, Z. **44 Cartas do mundo líquido moderno**. Ed. Zahar. 2011.

BRASIL. Ministério da Educação. Secretaria de Educação Básica. **Base Nacional Comum Curricular para a educação infantil**. Secretaria de Educação Básica. – Brasília: MEC, SEB, 2018.

COSTA, M. V. **Estudos culturais, educação e pedagogia**. Revista Brasileira de Educação. Maio/Jun/Jul/Ago 2003 Nº 23.

CANTON, K. **Tempo e Memória**. São Paulo: Editora WMF Martins fontes, 2009. – (Coleção temas da arte contemporânea).

FORTUNA, T. R. Cultura Lúdica na era digital: possíveis implicações das mídias eletrônicas para o comportamento infanto-juvenil. **Para pensar a docência na educação infantil** / Simone Santos de Albuquerque, Jane Felipe, Luciana Vellinho Corso (organizadoras.). – Porto Alegre : Editora Evangraf, 2019. p. 222-237.

HALL, S. **A identidade cultural na pós-modernidade**. tradução Tomaz Tadeu da Silva, Guacira Lopes Louro-11. ed. -Rio de Janeiro: DP&A, 2006.

LARROSA, J. “Tecnologias do eu e educação”. In: Silva, Tomaz Tadeu. **O sujeito da educação**. Petrópolis: Vozes, 1994, p.35-86.

LARROSA, J. **Tremores: escritos sobre experiência**. 1.ed.; 2. reimp. – Belo Horizonte: Autêntica Editora, 2016. – (Coleção Educação: Experiência e Sentido).

OLIVEIRA. Z. M. R. **Educação Infantil: fundamentos e métodos**. – 7. Ed. – São Paulo: Cortez, 2011. – (Coleção :Docência em Formação).

SENNET, R. **A corrosão do caráter: as consequências pessoais do trabalho no novo capitalismo**.- 14 ed. - Rio de Janeiro: Record, 2009.